



Ucrânia: 8 anos de alianças entre a social-democracia e a extrema-direita

Não pela primeira vez a Ucrânia está no centro de um conflito internacional que pode desencadear um evento militar de grandes proporções para o leste europeu e toda Europa. No jogo do imperialismo, onde o proletariado sempre perde, esse país hoje é um reduto de ideais e práticas reacionárias com potencial de se tornar exemplo para capitalistas de outras nações.

Durante o inverno de 2013 até 2014 a Ucrânia tornou-se palco de protestos e manifestações efetivamente violentos e aparentemente radicais. Grupos organizados atacaram órgãos públicos, de imprensa e até mesmo políticos profissionais foram fisicamente agredidos. Em poucos dias, praças inteiras foram completamente tomadas, transformadas em centros de resistência e luta contra as forças policiais do Estado, especialmente na Praça Maidan, da capital Kiev. Este aparente cenário de confrontação direta contra a ordem dominante era na verdade a face visível de um amplo movimento de extrema-direita, treinado, financiado e apoiado por forças democráticas internacionais. Mais uma vez em nome do combate à corrupção, um governo inteiro foi derrubado, mas com ele foram censuradas e brutalmente reprimidas diversas forças políticas e sociais de esquerda, levando-as à ilegalidade e/ou clandestinidade.

A dimensão dessa repressão ganhou face histórica na cidade de Odessa. Na 2ª Guerra Mundial, em 1941, Odessa foi o palco de um grande massacre romeno/nazista contra judeus. Em 2014, em um conflito civil entre manifestantes, 48 militantes de esquerda, ativistas antifascistas e mesmo funcionários da sede de um sindicato, rotulados pela imprensa democrática apenas como “separatistas pró-Rússia”, foram impedidos por forças paramilitares de sair de um prédio em chamas, sendo assim assassinados.

Em seguida, ficou também evidente mais uma vez o papel geopolítico e estratégico neste violento conflito. Após a derrubada do governo ucraniano de 2014, a OTAN conseguiu ampliar e expandir sua presença militar e logística no território deste país que possui longa fronteira com a Rússia. Esta anexou a região da Crimeia e deu suporte para a autoproclamação das repúblicas de Donbass e Lugansk após o golpe. Aquilo que foram protestos em praças públicas escalou para uma guerra civil, entre a Ucrânia e estas regiões, que contabiliza mais de 30 mil mortos.

O papel da social-democracia internacional no Golpe de 2014 da Ucrânia

Em 2014 o governo dos Estados Unidos era composto pelo segundo mandato de Barack Obama e Joe Biden. Diante da localização estratégica da Ucrânia e de um então presidente parceiro da Rússia, os Estados Unidos e a Europa não mediram esforços para derrubar o governo ucraniano. Para tal, apoiaram variadas forças organizadas de extrema-direita da Ucrânia. É importante lembrar que neste momento, quando as democracias ocidentais articulam tal golpe, não existe ainda a ascensão global da extrema-direita. Ou seja, o evento “Revolução” na Ucrânia em 2014, que conta com documentário simpático na Netflix (e com um crítico do produtor Oliver Stone), foi a ponta de lança dessa ascensão que, em nome do “combate à corrupção do governo”, se deu com amplo suporte de governos sociais-democratas. O papel ativo de Joe Biden no golpe

“A ofensiva do poder bolchevique contra o anarquismo e o socialismo prestou naquele momento um grande serviço aos contra-revolucionários estrangeiros, cujos exércitos penetraram sem dificuldade no território revolucionário da Ucrânia e de lá desalojaram rapidamente todos os destacamentos combatentes revolucionários dirigidos por anarquistas, socialistas-revolucionários ou mesmo alguns raros bolcheviques.”
Nestor Makhno, 1928 - Pelo 10º Aniversário do Movimento Insurrecional Makhnovista na Ucrânia

“Indivíduos e grupos supremacistas brancos nos Estados Unidos estabeleceram uma rede de ligações informais com grupos semelhantes na Europa, online e pessoalmente. A Ucrânia permanece, como evidenciado em documentos judiciais e nas redes sociais, o destino favorito de muitos estadunidenses e europeus supremacistas brancos” **Centro de Combate ao Terrorismo da Academia Militar dos EUA de West Point – abril de 2020**

ucraniano já possui elementos admitidos em livro, “*Promete-me, papai*”, pelo próprio atual presidente dos EUA, quando relata sua “insistência” para a renúncia do então governo de Yanukovich.

Os aprendizados diante deste recente conjunto de fatos internacionais foram novamente negativos. Diante das eleições dos EUA de 2020, diversos setores e personalidades da esquerda do Capital no Brasil declararam apoio dogmático ao candidato Joe Biden que seria, diante dos governos Trump e Bolsonaro, um “sopro de esperança da democracia”.

O legado do levante reacionário da Ucrânia

Milícias neonazistas organizadas desde a 2ª Guerra Mundial e que lutaram no golpe de 2014 foram posteriormente incorporadas em instituições militares da Ucrânia, bem como forças políticas e paramilitares recentes, Sektor Prav e o batalhão Azov, que tiveram seus membros promovidos a cargos estatais. Hoje, tais movimentos tornaram-se exemplo moral, estético e paramilitar para a extrema-direita internacional.

Assim como os fascistas e neonazistas ucranianos receberam apoio logístico e treinamento militar de diversos países do ocidente democrático, estes tornaram-se referência para demais levantes reacionários em outras partes do globo, promovendo intercâmbio entre movimentos de cunho paramilitar.

Ecoss no Brasil da barbárie ucraniana

Em recente entrevista ao portal liberal “O Antagonista/Crusóé”, o ex-juiz, ex-ministro e atual presidenciável Sérgio Moro declarou que a Ucrânia é um “*case*” de combate à corrupção, ou seja, um exemplo. Moro chama o golpe nazi-fascista de “Revolução da Dignidade” e o elogia por ter criado anos depois uma “Corte Superior Anticorrupção”. Moro defende então a implantação de uma brasileira, sendo que tal corte seria composta por juizes com “vocação na área”, indicados também por “especialistas da comunidade internacional”.

Com o velho discurso monotemático de “combate à corrupção”, que beira ao consenso no senso comum, tal combate pode ganhar adaptações e elasticidades para punir praticamente qualquer tipo de “delito”. Ou seja, uma corte paralela poderá reprimir o que entender que seja necessário ser combatido, bastando classificar o inimigo e suas práticas como “corruptos”. Semelhante ao “combate ao terrorismo” nos últimos 20 anos nos EUA.

Diante do programado esgotamento político do governo Bolsonaro, a pré-campanha eleitoral do Lula/PT acena novamente para suas bases sociais históricas, com promessas de reversão da Reforma Trabalhista (BB 17 e 18) e de privatizações. Amplos setores sociais do Brasil foram “enganados” (também cooptados) pelos governos PT e suas promessas e bandeiras históricas. Agora, em vez de aprofundar a crítica e romper com as ilusões, estes mesmos setores serão mobilizados para evitar uma reeleição de Bolsonaro ou a ascensão do neofascista Sérgio Moro. A história já nos ensinou mais uma vez que o proletariado não tem lado nesta disputa.

Todavia é evidente, desde a Ucrânia, mas também até o Brasil, que a classe proletária enquanto sujeito histórico e autônomo está ainda fora de capacidade diante destas poderosas forças em conflito. Isto não significa que nossas poucas energias devam estar a serviço de um lado ou de outro. Enquanto reaprendemos a resistir e a nos organizar enquanto classe, ao mesmo tempo é necessário saber analisar os impactos negativos de todos avanços reacionários, diretos e indiretos, que têm afetado até mesmo a existência física e empírica da classe social capaz de transformar a realidade para a superação de uma sociedade de classes. 🇺🇦

